

FORMA-ESPACO NA RECONGIGURAÇÃO DA AMAZÔNIA ORIENTAL: CORRELAÇÃO ENTRE DINÂMICAS ECONÔMICAS E O CRESCIMENTO URBANO DA CIDADE DE MARABÁⁱ

Sebastião Gabriel Guimarães Ferreiraⁱⁱ
José Júlio Ferreira Limaⁱⁱⁱ
(Universidade Federal do Pará)

Resumo

Este trabalho analisa a configuração morfológica da cidade de Marabá, no sudeste do Pará, a partir de uma abordagem histórico-geográfica combinada com análise espacial. A pesquisa identifica quatro períodos morfológicos: O primeiro, de 1938 a 1970 é marcado pela economia extrativista e pela adaptação do tecido urbano aos rios; o segundo de 1971 a 1996 deve-se a integração regional com expansão dos núcleos Cidade Nova, Nova Marabá e Morada Nova, impulsionada por políticas públicas, rodovias e pelo Projeto Ferro Carajás; enquanto que no terceiro de 1997 a 2011, há intensificação da migração e industrialização, com expansão periférica e surgimento de franjas urbanas irregulares e quarto e último, de 2012 aos dias atuais consiste da consolidação de conjuntos habitacionais do PMCMV e de empreendimentos privados, configurando um padrão fragmentado e ortogonal em áreas públicas e radiocêntrico em bairros planejados. Os resultados indicam padrões diferenciados de acessibilidade e integração urbana, evidenciando áreas com maior ou menor acessibilidade global, especialmente daqueles localizados dentro de condomínios ou vilas, se relaciona com a configuração da malha urbana. A análise demonstra que os conjuntos habitacionais públicos do PMCMV, em geral, estão localizados em áreas menos integradas, enquanto empreendimentos privados tendem a se situar em locais mais conectados, refletindo uma segregação socioespacial que acompanha a lógica do mercado imobiliário e das políticas públicas.

Palavras-chave: Marabá; Morfologia urbana; Sintaxe espacial; Expansão urbana.

Abstract

This study analyzes the morphological configuration of the city of Marabá, in southeastern Pará, through a historical-geographical approach combined with spatial analysis. The research identifies four morphological periods: the first, from 1938 to 1970, marked by the extractive economy and the adaptation of the urban fabric to the rivers; the second, from 1971 to 1996, characterized by regional integration and the expansion of the Cidade Nova, Nova Marabá, and Morada Nova nuclei, driven by public policies, road infrastructure, and the Carajás Project; the third, from 1997 to 2011, defined by intensified migration and industrialization, with peripheral expansion and the emergence of irregular urban fringes; and the fourth, from 2012 to the present, marked by the consolidation of housing complexes built under the Minha Casa, Minha Vida (PMCMV) program alongside private real estate developments, resulting in a fragmented and orthogonal pattern in public housing and a radiocentric pattern in planned neighborhoods. The results reveal differentiated patterns of accessibility and urban integration, highlighting areas of higher or lower global accessibility, particularly those within gated communities or housing estates, in relation to the urban network. The analysis shows that PMCMV housing complexes are generally located in less integrated areas, while private developments tend to occupy more connected sites, reflecting socio-spatial segregation shaped by both the real estate market and public policies.

Keywords: Marabá; Urban morphology; Space syntax; Urban expansion.

A cidade de Marabá, localizada no sudeste do Pará, é uma das principais cidades médias da Amazônia Oriental, cuja configuração espacial resulta de sucessivos processos de transformação econômica e política. Desde sua origem como entreposto fluvial vinculado à economia extrativista até sua consolidação como polo regional articulado à mineração e à pecuária, a cidade apresenta uma trajetória marcada por recorrentes transformações morfológicas. Tais mudanças expressam a combinação entre fatores ambientais, dinâmicas migratórias, investimentos estatais e a ação de agentes privados na produção do espaço urbano.

A morfologia urbana de Marabá distingue-se pela sobreposição de padrões distintos. De um lado, traçados orgânicos adaptados às margens dos rios Tocantins e Itacaiúnas, representativos da Velha Marabá e de São Félix; de outro, planos exógenos à realidade amazônica, introduzidos em períodos posteriores, especialmente na Nova Marabá, nos conjuntos habitacionais do Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV) e nos empreendimentos privados recentes. A coexistência desses diferentes arranjos evidencia as formas pelas quais os processos econômicos e políticos influenciaram diretamente a estruturação do espaço urbano.

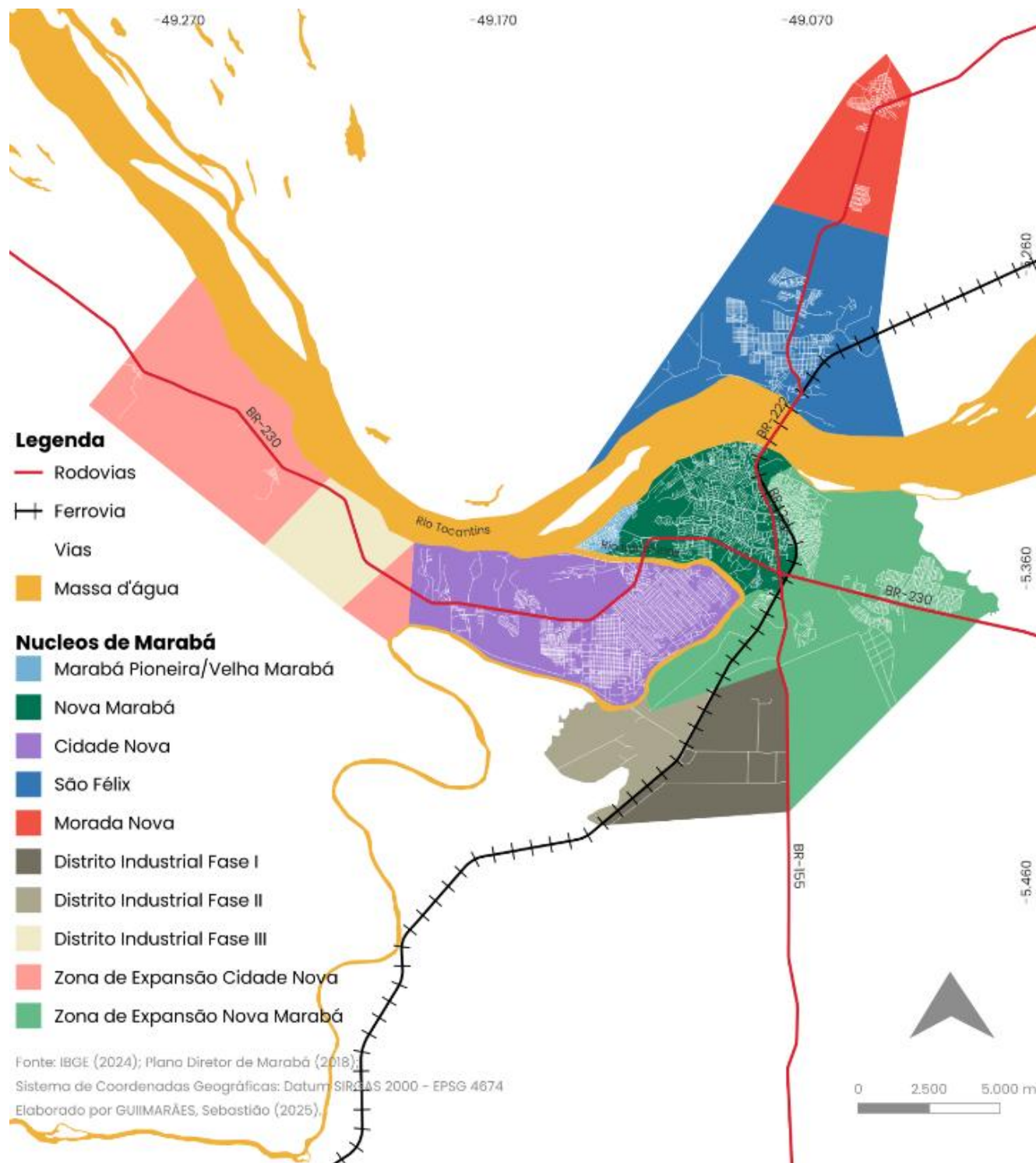
Pesquisas anteriores sobre a urbanização amazônica destacaram a relevância da mineração, da pecuária e de programas estatais de integração regional para a expansão de cidades como Marabá (Becker, 2013; Trindade Jr., 2021). No entanto,

ainda são escassos os estudos que analisam de forma articulada a reconfiguração morfológica da cidade em perspectiva histórica, correlacionando a configuração espacial com padrões socioeconômicos e de acessibilidade urbana. Essa lacuna justifica a presente investigação, que se apoia na abordagem da morfologia urbana histórica, especialmente na tradição conzeniana, para compreender a articulação entre forma urbana e processos econômicos.

A problemática que orienta o estudo pode ser sintetizada na seguinte questão: como os processos econômicos e políticos, sobretudo aqueles vinculados à mineração, à pecuária e às políticas públicas de habitação, têm reconfigurado a morfologia urbana da cidade de Marabá, e o que essa reconfiguração revela sobre a produção do espaço urbano na região? Parte-se da hipótese de que a configuração morfológica atual expressa, de forma simultânea, processos de integração e de segregação socioespacial, resultantes da atuação combinada de agentes públicos e privados em diferentes temporalidades.

A cidade de Marabá, de acordo com o Plano Diretor Urbanístico (2018), é composta por 10 núcleos delimitados ao longo da cidade, sendo estes os núcleos Velha Marabá, Nova Marabá, Cidade Nova, São Félix, Morada Nova, Distrito Industrial fases 1,2 e 3 e as zonas de expansão dos núcleos Nova Marabá e Cidade Nova (figura 1). Apesar de serem interligados pela malha viária da cidade, cada núcleo possui características próprias com relação de dinâmicas urbanas de ocupação.

Figura 1 – Cidade de Marabá com núcleos definidos pelo Plano Diretor.



Fonte: Autoria própria.

Objetiva-se estudar as mudanças e permanências na produção imobiliária e na reconfiguração morfológica de infraestrutura, bem como o crescente aprofundamento do

imbricamento dessas atividades em articulação às formas de propriedade. Para tanto, utiliza-se da revisão bibliográfica acerca do processo de formação urbana da cidade de Marabá, seguido do

mapeamento dos padrões morfológicos em diferentes períodos, bem como a análise da acessibilidade por meio da sintaxe espacial¹. Em um primeiro momento, apresenta-se as decisões metodológicas tomadas durante a pesquisa, seguida do resgate histórico às origens remotas do centro urbano de Marabá. Por conseguinte, inicia-se periodização morfológica desde o final da década de 30 até os dias atuais. Por fim, apresenta-se os índices obtidos pela sintaxe espacial e suas relações com os períodos morfológicos levando em consideração as medidas de integração global.

Metodologia

A pesquisa adotou uma abordagem metodológica combinando análise histórica, cartografia e processamento de informações espaciais. Inicialmente, realizou-se uma revisão histórica do processo de crescimento urbano de Marabá, por meio da leitura de documentos históricos, relatórios e trabalhos acadêmicos já produzidos sobre a cidade, permitindo compreender os fatores políticos, econômicos e sociais que moldaram sua expansão. Com base nessa contextualização, procedeu-se à cartografia da cidade, utilizando fontes de dados como as bases cartográficas do sistema viário e a projeção das edificações a partir do Open Buildings.

A partir da combinação da análise histórica, foi construída uma periodização morfológica da cidade. Além disso, utilizou-se também a sintaxe espacial como abordagem morfológica para análise configuracional ao longo dos períodos até o momento atual, segmentando seu crescimento em fases distintas que refletem transformações estruturais e funcionais da malha urbana. Essa integração permitiu identificar como políticas públicas habitacionais, investimentos privados e

fatores econômicos influenciam a configuração espacial da cidade.

O Burgo do Itacayunas

Durante as décadas finais do século XIX, conflitos na região de Boa Vista do Tocantins² originados a partir de questões locais e nacionais desencadearam um verdadeiro êxodo na região³. Foi em 1894, após uma tentativa frustrada de manter o domínio de Boa Vista, que Carlos Gomes Leitão debandou para a cidade de Belém, onde recebeu auxílio financeiro de Lauro Sodré, o então governador do Estado do Pará, para fixar-se nas proximidades do Rio Itacaiúnas com cerca de 100 pessoas (Velho, 2008). O intuito era implantar um burgo agrícola⁴ para assentar os refugiados de Boa Vista e colonizar aquela região (Almeida, 2008). Apesar de não corresponder à origem morfológica de Marabá, propõe-se este resgate histórico devido as modificações socioespaciais e de uso da terra ocasionadas pela instalação do burgo, haja vista sua relevância como primeira tentativa de fixação não indígena nas proximidades da região em que a cidade viria a se desenvolver.

No que se refere à localização específica do povoado, inicialmente optou-se pela sua instalação próxima a confluência dos rios Itacaiúnas e Tocantins, local denominado como “Quindangues”, contraposto ao que se tornara o núcleo pioneiro de Marabá (Velho, 2008). Todavia, o povoamento foi realocado desta localização inicial devido ao alto índice de habitantes afetados pela febre, ocasionada possivelmente em decorrência da infecção por malária (Moura, 1910). O novo e definitivo local escolhido para instalação do burgo encontrou-se à 18 quilômetros da região inicialmente escolhida, à margem esquerda do Rio Tocantins, assim como a

¹ A sintaxe espacial refere-se ao conjunto de métodos e técnicas utilizados para analisar e descrever as relações estruturais e a organização geométrica dos espaços (sejam eles edifícios, cidades ou paisagens). O objetivo é entender como a configuração espacial influencia o movimento, a interação e o comportamento humano, revelando padrões de acessibilidade e segregação.

² Aquela altura compunha o território de “Goyaz”. Atualmente, Boa Vista corresponde à cidade de Tocantinópolis, no estado de Tocantins.

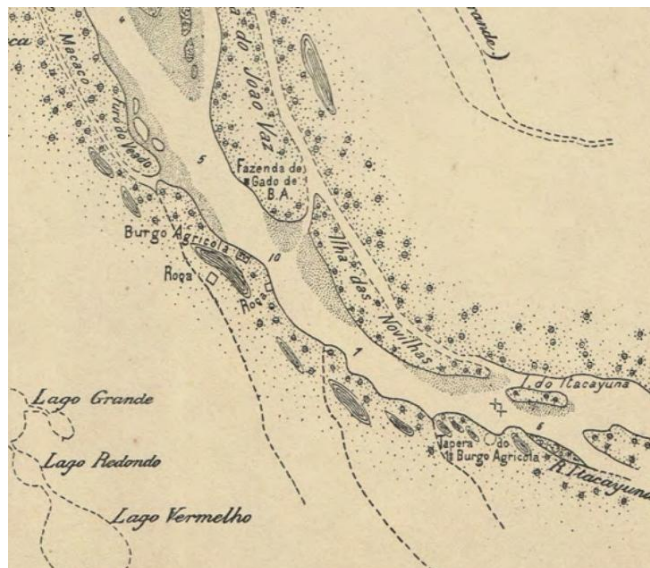
³ Emmi (1999) destaca que no final do século XIX ocorreram intensos conflitos políticos entre oligarcas locais ligados a projetos

emancipatórios na região, envolveram confrontos armados, saques, destruição de prédios públicos e migrações forçadas, produzindo um cenário de instabilidade política e violência regional que impulsionou movimentos migratórios na direção de áreas como Marabá.

⁴ Em períodos do século XVIII, a denominação “burgo agrícola” foi comumente utilizada por Portugal para indicação de povoados dedicados à agricultura. Notadamente, observa-se equivalências com os termos “colônia agrícola” e “agrovilas” nos séculos XIX e XX, respectivamente.

localização anterior (figura 2). Dessa forma, em 5 de agosto de 1895 instalou-se ali o Burgo Agrícola do Itacayunas (Mattos, 1996).

Figura 2 – Localização inicial e final do burgo agrícola.



Fonte: Henry Coudreau (1898).

O burgo apoiava-se principalmente na agricultura, com roças de aproximados 22 hectares, cada uma com 2300 metros de comprimento e variações entre 30 e 200 metros de largura (Moura, 1910). Em 1896, Moura (1910), à serviço do governo do Estado, relata a produtividade da terra:

[...] As plantações eram magnificas, o que provava a extraordinaria fertilidade do solo, attestada pelos proprios imigrantes de Goyaz e do Maranhão, que me garantiram ser esse terreno superior ao que deixaram nos seus sertões. Vi ali roças de mandioca no ponto de serem desmanchadas, milharal com grandes espigas, arrozal com carregamento como nunca vi em outra parte, cannaviaes, plantações de batata doce, etc., tudo crescendo com igual desenvolvimento, como se essa terra tivesse uma fertilidade complexa para tão diversos generos de cultura (Moura, p. 251, 1910).

O viajante escreve ainda sobre o extrativismo da Castanha-do-Pará, naquele

momento ainda sem valor comercial, e a incipiente tentativa de uma das famílias do burgo na criação de gado, na Ilha do João Vaz, “que fica na fronteira e representa uma area de 240 hectares, quasi toda coberta de pastagens” (Moura, p. 262, 1910). De todo modo, tanto no pasto quanto nos castanhais, a produção era básica, suficiente ao consumo local dos 222 moradores do burgo, constituídos em sua maior parte por retirantes.

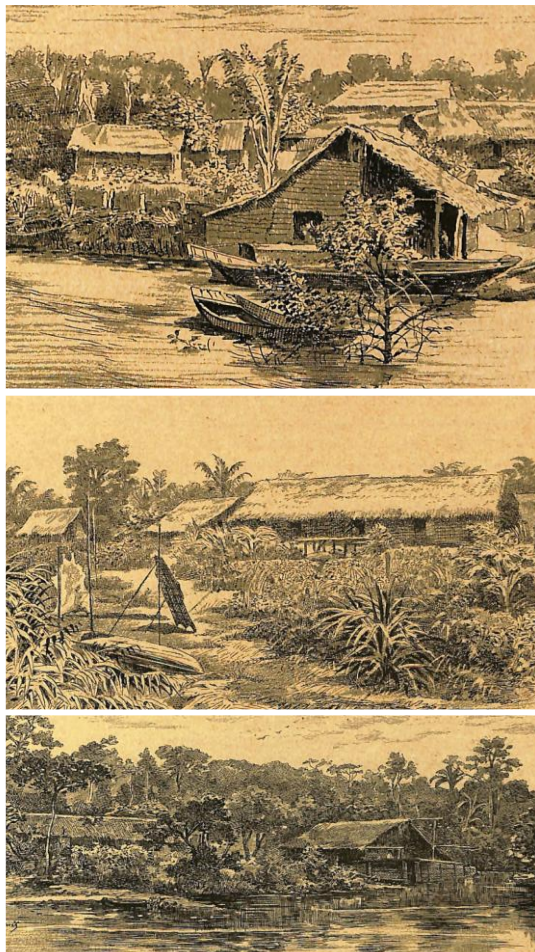
Ainda em 1896, em vista das expedições incentivadas por Carlos Leitão com o intuito de descobrir os campos gerais⁵, para, assim, impulsionar a criação de gados, “[...] se descobriu nas margens daquelle rio, uma arvore, que se reconheceu ser da familia da *syphonia elastica* ou *hevea guyanensis*” (Moura, 1910, p. 262). Tratava-se da descoberta do caucho, espécie vegetal a qual poderia ser explorada para extração do látex. Em pleno ciclo da borracha, a notícia chegou a ser publicada no jornal Folha do Norte com a seguinte manchete: “Corre com insistencia no Alto Tocantins, a descoberta de seringaes, nas proximidades do Burgo [...] capazes de augmentar consideravelmente a exportação e, consequentemente, as rendas municipaes e estaduaes” (Gazetilha [...], n.p., 1896). A descoberta do caucho e seu valor econômico encorajou a ação migratória de aglomerados vindos do Norte de “Goyaz”, do Ceará, do Piauí e principalmente do Maranhão (Mattos, 1996). Foi da cidade de Grajaú que a maioria dos comerciantes vieram e se instalaram no pontal do Itacaiúnas (Mattos, 1996). Aos poucos, os moradores do burgo também abandonaram seus lotes agrícolas e passaram a se juntar aos caucheiros.

Em fevereiro de 1897 Henry Coudreau (1898) relata a então permanência de 80 moradores do burgo, atestando seu declínio. O viajante descreve ainda a paisagem local em gravuras ao longo de seu diário de viagem (figura 3), onde é possível observar nos abrigos, a tipologia construtiva de taipa de mão, o telhado de palha seca, comumente utilizado em construções

⁵ Lugar de pasto pleno, propício à prática da pecuária.

deste tipo, e a vegetação presente no entorno das moradias.

Figura 3 – Paisagem do burgo em 1897.



Fonte: Henry Coudreau (p. 63-67, 1898)

Apesar de não ser possível identificar elementos morfológicos como quadras, vias e lotes, as descrições de viajantes e cartografias da época revelam que a localização dos assentamentos fora definidas em função da relação com o rio Tocantins e com os cursos d'água presentes na paisagem, tanto na primeira quanto na segunda tentativa de instalação do burgo. Embora os igarapés próximos às ocupações não fossem navegáveis, desempenhavam papel essencial no cotidiano dos colonos, sendo utilizados para higiene e captação de água para consumo próprio. O Tocantins por sua vez, além de suprir essas necessidades, atuava como o principal vetor de circulação fluvial, permitindo o deslocamento de pessoas, mercadorias e informações. Na área

destinada às roças, além das plantações, Moura (1910) menciona a presença de abrigos rústicos, semelhantes a barracas, identificados em seu relatório como "casa da roça" (figura 4).

Figura 4 – Casa da roça, nas proximidades do burgo.



Fonte: Ignácio Baptista de Moura (p.252-253, 1910).

Nos anos seguintes, a ideia de desenvolvimento agropecuário tornara-se distante, os caucheiros mata adentro já não eram minoria na região (Velho, 2008). De acordo com Mattos (1996), a morte de Carlos Leitão em 1903 assinalou o fim do burgo e a mudança dos moradores remanescentes para o pontal do Itacaiúnas.

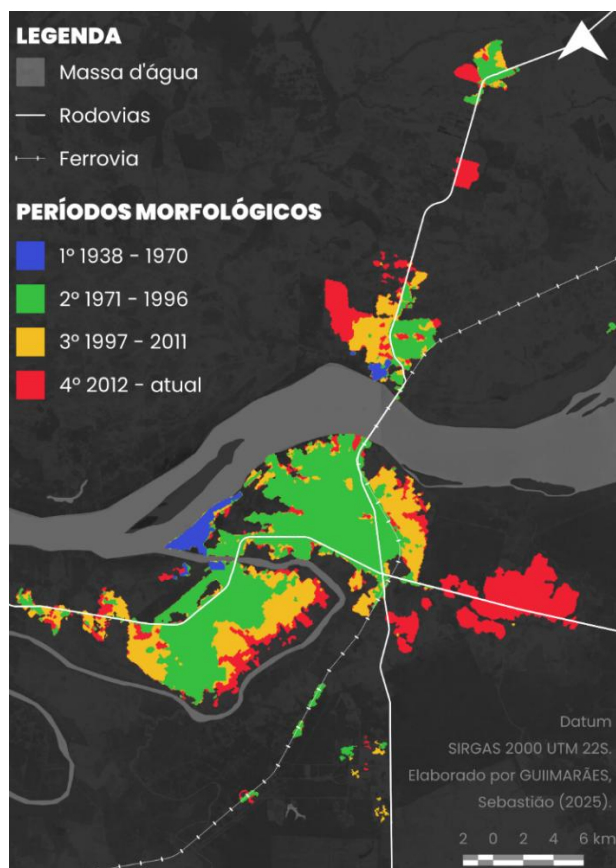
Ainda que esta fase não represente a morfogênese de Marabá, as breves descrições aqui postas sobre o burgo remontam a tentativa de colonização e a estrita relação com as atividades produtivas desenvolvidas ao longo de sua permanência, com o uso da terra sendo diretamente associado à produtividade, seja na agricultura, na pecuária ou no extrativismo.

Períodos Morfológicos

Registros acerca do surgimento de assentamentos no pontal do Itacaiúnas podem ser encontrados desde o final século XIX. Apesar disso, o ponto de partida deste trabalho é 1938, ano em que o núcleo pioneiro da cidade já se encontra consolidado após os desastres ocorridos durante as maiores enchentes na década anterior; adota-se, portanto, um modo de convivência com as

intempéries ocasionadas pelas cheias dos rios (Oliveira *et al.*, 2023; Almeida 2008). Dessa forma, observa-se na figura abaixo a representação da mancha de expansão referente a cada período.

Figura 5 – Periodização Morfológica de Marabá.



Fonte: Autoria Própria.

1º período (1938 - 1970): Morfogênese

A formação do núcleo urbano neste momento decorre da extensa atividade extrativista na região, parte da exploração do caucho e mais tarde, no ano 1921, em vista do declínio da economia da borracha, a Castanha-do-Pará assume o posto como principal produto de exportação (Dias, 1958; Mendonça, 1927). As atividades primárias desenvolvidas neste período determinaram não somente o nome da cidade⁶, mas também o local de fixação dos assentamentos. O ponto estratégico na confluência dos rios irmãos advém da necessidade de escoamento comercial

local, visto que a acessibilidade à rede regional se orientava naquele momento à navegação fluvial (Corrêa, 1987). Oliveira (1941) ressalta a categórica relação do entreposto e a dinâmica urbana vivida:

A teimosa localização de Marabá não se prende a fatos muito complexos nem se explica tão pouco por escolhas anônimas e inconscientes. Foram as necessidades da atividade econômica, criadas pela exploração dos castanhais, que reconduziram o agrupamento humano ao mesmo local desfavorável e inseguro (Oliveira, p.37, 1941).

O plano urbano por sua vez trata-se de uma típica estrutura encontrada em cidades amazônicas beira-rio, a conformação das quadras adota um ângulo correspondente a confluência dos rios, tendem às formas regulares com formatos semi-retangulares, sempre seguindo o curso d'água como referência.

A cidade era pequena, contava com distâncias, ruas e quadras bem adaptados à escala humana, onde a população se deslocava a pé, e as ruas estreitas priorizavam a circulação de pedestres. [...] As residências populares eram geminadas, rústicas, feitas de taipa com telhado revestido com folhas de babaçu. Além disso, tinham medidas reduzidas e aspecto precário, mas mostravam uma adaptação em relação às condições naturais e climáticas da região. A vida dos moradores da Marabá Pioneira estava voltada para a rua, as portas e janelas sempre estavam abertas, as calçadas eram verdadeiros prolongamentos das habitações (Oliveira *et al.*, p. 70, 2023).

Os espaços livres poderiam ser encontrados próximos aos rios, onde avistam-se duas praças, a Floriano Peixoto, nas proximidades da orla, do mercado municipal e da Igreja de São Félix de Valois; e a Duque de Caxias, compondo a paisagem urbana central de Marabá, adjacente à prefeitura municipal (Palacete Augusto Dias, atual

⁶ O nome Marabá, segundo autores como Mattos (1996) e Velho (2008), decorrem do nome posto por Francisco Coelho em sua casa de comércio nos primeiros anos de ocupação do pontal do

Itacaiúnas. O termo se refere a um poema de igual nome feito por Gonçalves Dias.

Museu Municipal de Marabá) e nas proximidades da sede do Grupo Escolar da Cidade (figura 6).

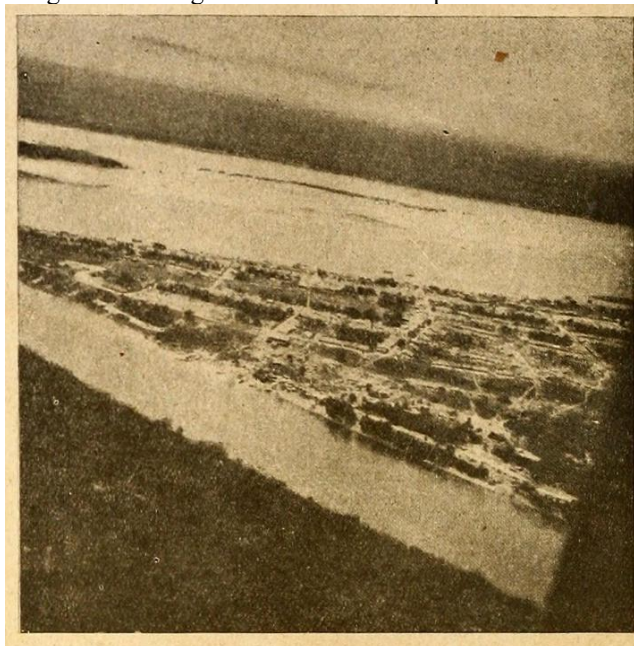
Figura 6 – Acima a praça Duque de Caxias, ao fundo a prefeitura; abaixo a sede do Grupo Escolar.



Fonte: IBGE (19--).

A tecido urbano era composto pelas ocupações no perímetro da quadra, observa-se a presença de quintais, preservando o miolo de quadra com a vegetação remanescente (figura 7). O padrão de uso e ocupação era em maior parte residencial e comercial com casas de comércio, vitais para a manutenção do sistema de aviação utilizado no processo de exploração da castanha e de castanheiros⁷ (figura 8).

Figura 7 – Fotografia aérea do núcleo pioneiro em 1938.



Fonte: Américo Barbosa de Oliveira (1941).

Figura 8 – Casa de comércio de castanha em Marabá.



Fonte: Mendonça (1927).

A construção do aeródromo em finais da década de 30 (construído no mesmo local do atual aeroporto de Marabá) e a busca por refúgio das situações de inundação estimulou o início dos abarracamentos no atual Bairro Amapá, à margem esquerda do rio Itacaiúnas (Almeida, 2008) (figura 9). Com a evolução da economia e, consequentemente, da demanda por habitação, a expansão da cidade encontrou nas áreas de várzea uma barreira ao crescimento lindeiro aos locais já ocupados. Nos anos 1960, a partir desta demanda, surge, então, o núcleo São Félix, como alternativa às áreas permanentemente ou facilmente alagáveis

⁷ Figuras encarregadas de coletar a castanha na floresta.

e, portanto, impróprias para moradia fixa (Raiol, 2010).

Figura 9 – Assentamentos improvisados no bairro Amapá.



Fonte: Dias (1958).

A leitura da morfogênese de Marabá revela sua intrínseca relação com os rios e a economia local adotada, orientando a localização e permanência no local conformado pelo ritmo dos rios e o modo de vida local. Mesmo que de forma sutil, a fragmentação da cidade a partir do acampamento no bairro Amapá e a formação de São Félix (figura 10) já indicava um dos principais aspectos observados subsequentemente em Marabá, a divisão do território a partir de núcleos urbanos com características próprias.

Figura 10 – Primeiro período morfológico.



Fonte: Autoria própria.

2º período (1971 - 1996): Integração local e regional

O segundo período morfológico pode ser considerado o mais expressivo no que se refere a expansão urbana da cidade, visto que é neste momento que se tem o surgimento de três novos núcleos urbanos. O poder político e econômico das

antigas oligarquias ligadas à exploração da castanha perde força, dando lugar a novos grupos que passam a atuar em outras frentes, sobretudo na pecuária incentivada pelos recursos fiscais da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) (Raiol, 2010). Paralelamente, o Projeto de Colonização da Amazônia coordenado pelo Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) instituiu a demarcação de terras para a ocupação de colonos com o a ideia de desenvolvimento da agricultura nos lotes adquiridos (Almeida, 2008). Contudo, sem treinamento, recursos, infraestrutura e tampouco extensão de lotes apropriadas para a atividade sugerida, após recebido, muitos dos lotes foram vendidos poucos meses depois da ocupação inicial (Raiol, 2009). É neste momento que, em contrapartida à busca de muitos colonos por moradia e trabalho em Marabá, que o núcleo Cidade Nova é instituído, com o plano urbano seguindo uma malha ortogonal rígida ao longo de sua extensão, e ocupação de baixa densidade dentre as quadras (figura 11).

Figura 11 – Cidade Nova no segundo período morfológico.



Fonte: Autoria própria.

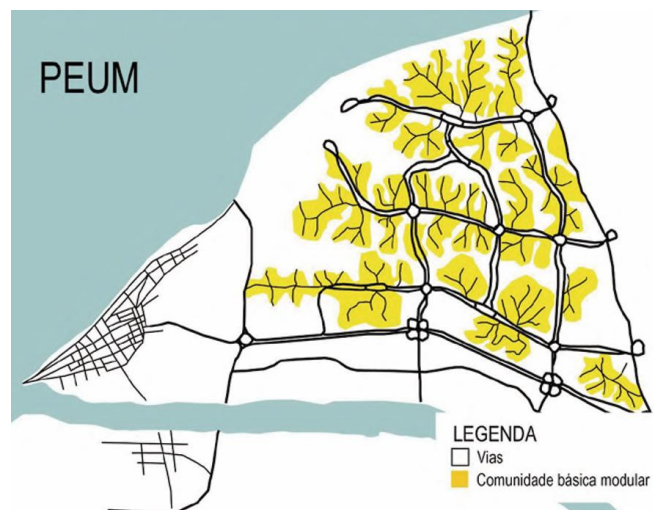
O Núcleo Nova Marabá começa a ser pensado neste mesmo período, porém, como uma intervenção que visava deslocar os moradores do núcleo pioneiro sujeitos às enchentes e alagamentos recorrentes.

O diagnóstico estabelecido para a cidade era de que o sítio original estava esgotado em suas possibilidades de expansão e sem condições de atender as necessidades que estavam sendo previstas para Marabá. A transferência para

um novo local foi decidida e um plano urbanístico foi criado para assentar os habitantes (Almeida, 2008, p. 24).

O planejamento denominado como Plano de Expansão Urbana de Marabá (PEUM), feito a partir de uma lógica modernista, desconsiderava o modo de vida tradicional adotado pela população da Velha Marabá (Tourinho, 1991). O PEUM buscou implementar o sistema de unidades de vizinhança, “ideia norte-americana de áreas residenciais autônomas, que abrigam todas as necessidades diárias dos seus moradores, chamada de folha ou comunidade básica modular” (Oliveira *et al*, 2023, p. 83) (figura 12).

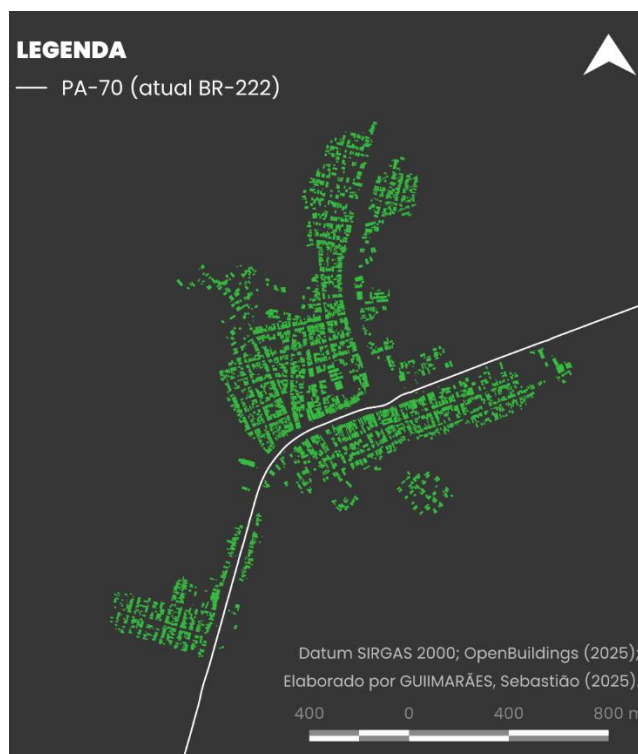
Figura 12 – Plano de Expansão Urbana de Marabá.



Fonte: Oliveira *et al.* (2023).

Ainda nos anos 70, a abertura da PA-70, atual BR-222, e sua interligação à rodovia Belém Brasília quebrou o isolamento via terrestre de Marabá. Os impactos ocasionados pela nova linha de rodagem seguiram por uma intensa expansão de São Félix e posteriormente a criação do núcleo denominado Morada Nova, localizado na bifurcação entre as rodovias PA-150 e a atual BR-222 (figura 13).

Figura 13 – Morada Nova no segundo período morfológico.



Fonte: Autoria própria.

Observa-se ainda neste período, a implementação do Projeto Ferro Carajás na região, um sistema integrado mina-ferrovia-porto da então Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), destinado à exploração mineral recém descoberta na região de Carajás (Coelho, 1997). Iniciam-se, então, obras de infraestruturas que impactariam significativamente na acessibilidade intraurbana da cidade, a construção de duas pontes e a implantação de uma linha ferroviária que corta a cidade separando atualmente a Velha e a Nova Marabá do eixo leste da cidade. A primeira ponte, atravessa o Rio Itacaiúnas, ligando a Cidade Nova aos outros dois núcleos; a segunda, uma ponte rodoferroviária compondo parte da logística do Projeto Ferro, atravessa o Rio Tocantins e conecta São Félix e Morada Nova aos núcleos à margem esquerda do rio (figura 14).

Figura 14 – Segundo período morfológico.



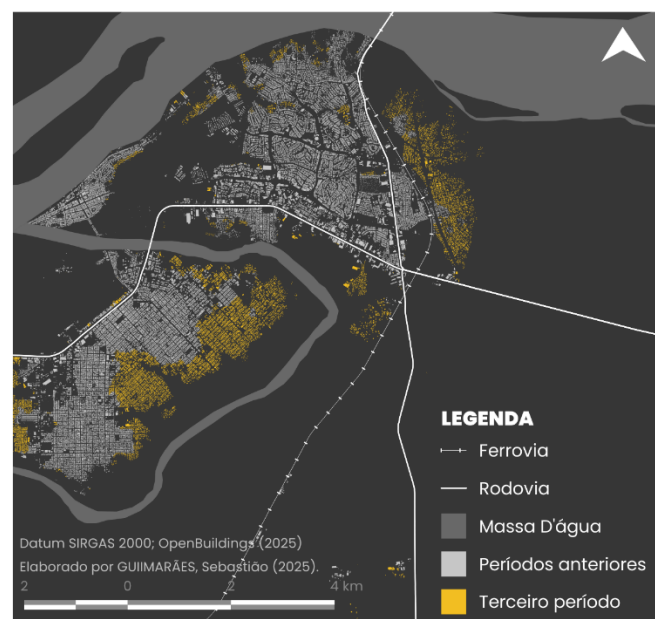
Fonte: Autoria própria.

3º período (1997 - 2011): Industrialização e migração

A partir do final da década de 90, a cidade adentra em uma fase impulsionada pela industrialização e pelos intensos fluxos migratórios, decorrentes do cenário oportuno propiciado pela indústria e pela mineração (Lobato, 2012). Como consequência ao crescimento destes setores, observa-se na cidade a permanência de uma dinâmica descontínua e a

ampla formação de franjas urbanas com infraestrutura precária e assentamentos irregulares em terrenos inundáveis no núcleo Cidade Nova. Não obstante, o maior crescimento notado neste período encontra-se na zona de expansão da Nova Marabá (figura 15). Neste mesmo período ocorre também a duplicação da rodovia Transamazônica nas proximidades do Núcleo Nova Marabá e Cidade Nova, o que intensificou o processo de ocupação ao longo dos 5,3km de intervenção da via.

Figura 15 – Terceiro período morfológico.



Fonte: Autoria própria.

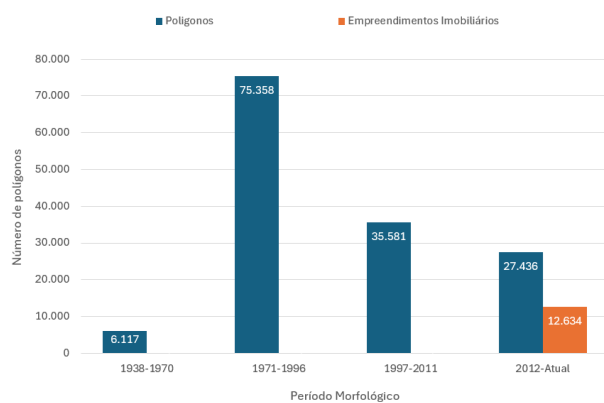
4º período (2012-atual): Empreendimentos públicos e privados

O quarto período morfológico é marcado pela intensificação da produção urbana a partir de políticas públicas habitacionais e pela ação do mercado imobiliário privado. A implantação do Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV) a partir do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) promoveu o crescimento de grandes conjuntos habitacionais periféricos, que alteraram a lógica de expansão da cidade e reforçaram uma organização mais dispersa e fragmentada, tal fenômeno expressa os impactos espaciais gerados pelas políticas habitacionais federais na Amazônia, que alteraram a dinâmica de crescimento urbano e favoreceram a produção em larga escala de conjuntos habitacionais (Shimbo,

2010; Cardoso, 2013). Neste sentido, observa-se a intensa atividade no setor imobiliário privado, que passou a investir em condomínios, loteamentos e vilas, consolidando novas centralidades urbanas e padrões de segregação socioespacial (Becker, 2013; Trindade Jr., 2016). A dinâmica agora voltada para o setor imobiliário articulou-se à permanência de atividades ligadas à mineração e à pecuária, que continuaram a exercer papel central na economia regional, mas agora em sinergia com um setor urbano mais especializado e mercantilizado, reforçando a interdependência entre economia primária e urbanização na Amazônia oriental (Corrêa, 2011; Monte-Mór, 1994).

Em um levantamento realizado a partir dos polígonos capturados pelo OpenBuild⁸, associados às manchas de expansão dos períodos morfológicos (figura 16), contatou-se por meio da sobreposição da área de empreendimentos imobiliários públicos e privados, que no quarto período, dos 27.436 polígonos obtidos, 12.634 estão contidos em áreas de empreendimentos públicos ou privados (figura 16).

Figura 16 – Gráfico de relação entre os períodos morfológicos e o crescimento de polígonos identificados pelo OpenBuildings.



Fonte: Autoria própria.

O plano urbano aqui disposto, parte principalmente de uma lógica racionalista, com malhas ortogonais nos conjuntos habitacionais do MCMV, mas também se encontra presente na produção privada, como pode ser observado no

bairro planejado Cidade Jardim localizado no eixo leste da Transamazônica (figura 17). Além disso, em alguns empreendimentos privados, adotam-se partidos radiocêntricos (figura 18).

Figura 17 – Exemplos de malhas ortogonais.



Fonte: Autoria própria.

Figura 18 – Exemplos de malhas radiocentricas.



Fonte: Autoria própria.

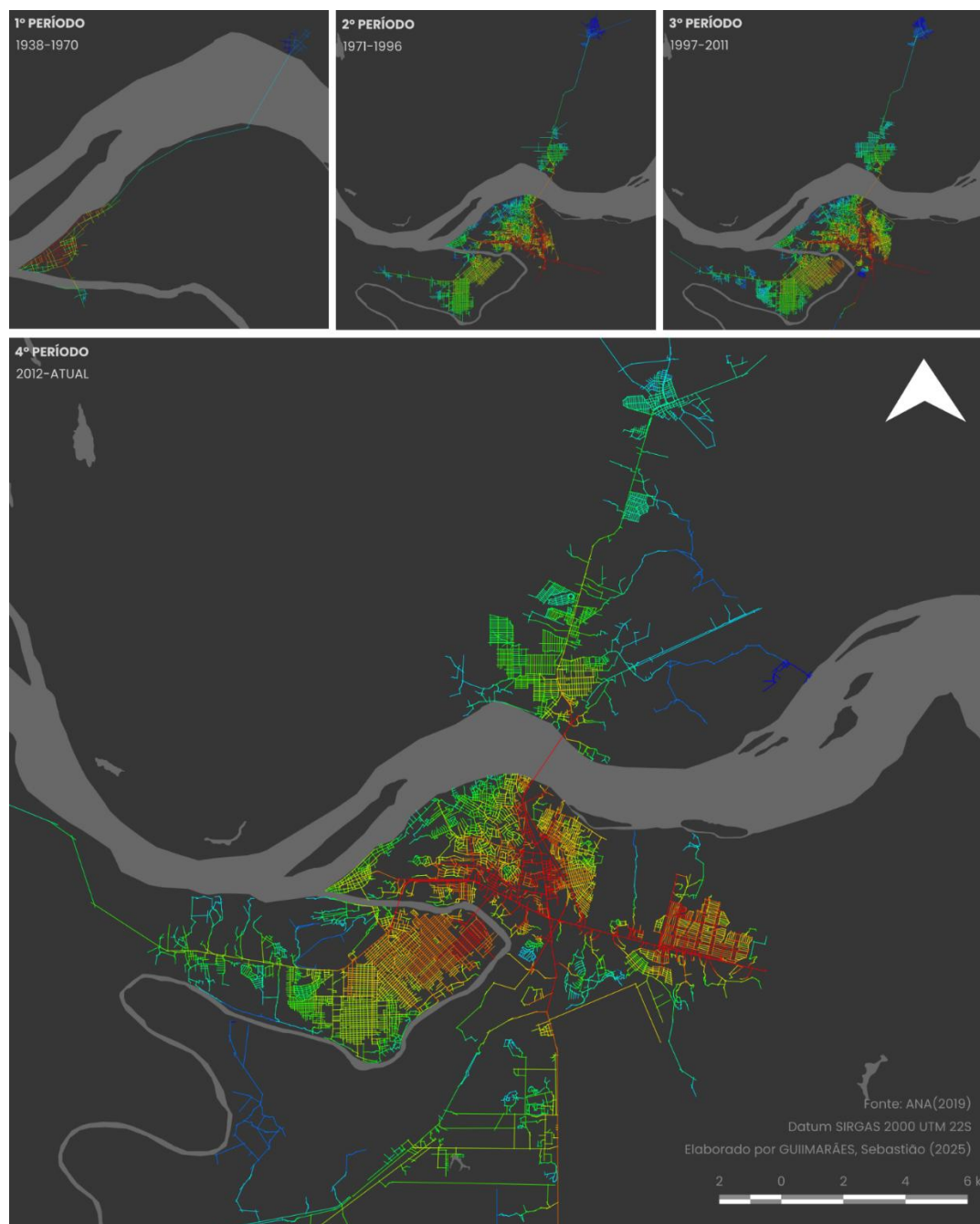
⁸ O Google Open Buildings é uma base de dados aberta que disponibiliza polígonos vetoriais de edificações extraídos por

técnicas de inteligência artificial a partir de imagens de satélite de alta resolução.

No tecido urbano, as edificações ocupam praticamente todo o lote; a quadra, em conjuntos do MCMV também são preenchidas quase por completo, com raras exceções aos espaços públicos como praças, presentes em alguns dos empreendimentos. No setor privado, as quadras ainda não tem sua capacidade total em uso em vista da oferta dos lotes, em sua maioria voltados ao médio e alto padrão.

Cabe, neste momento, introduzir a noção de acessibilidade espacial da cidade gerada com base na abordagem configuracional, haja vista o tempo (presente) em que se refere o período morfológico atual. Neste sentido, a figura 19, demonstra a configuração espacial de Marabá ao longo dos períodos morfológicos.

Figura 19 – Mapas de integração global conforme os períodos morfológicos.

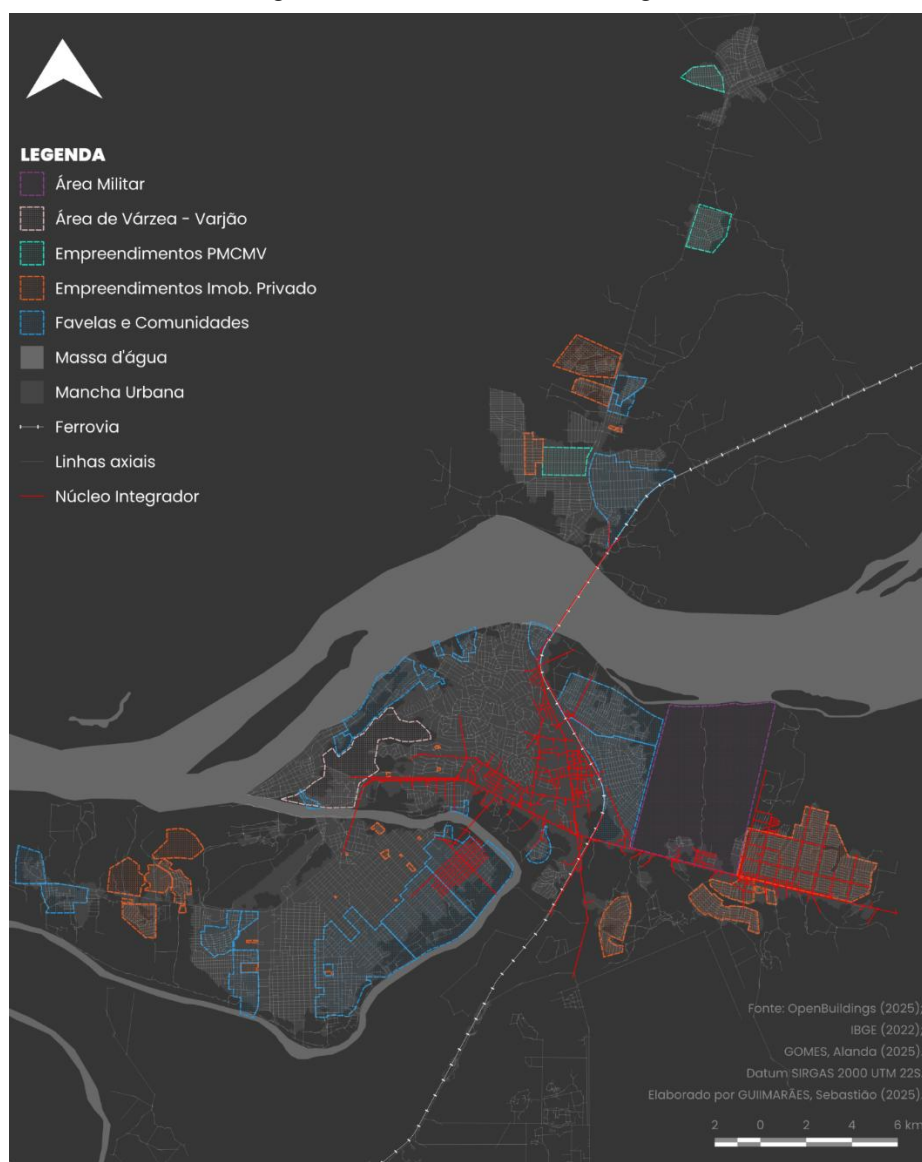


Fonte: Elaboração própria.

A figura revela o deslocamento do núcleo integrador já no segundo período morfológico. Antes localizado na Marabá pioneira, o núcleo integrador passa a compor a Nova Marabá ao longo dos períodos até o momento atual, apenas contando com novos desdobramentos em novas áreas. O eixo mais bem integrado assume um formato de cruz, delimitado pelas rodovias transamazônica e BR-222, com extensões pela Nova Marabá, Cidade Nova, devido a recém construída ponte sobre o rio Itacaiunas, e ao longo da Cidade Jardim, chegando a penetrar as vias centrais do bairro. Contraposto a isso, os locais

menos integrados localizam-se no eixo oeste da Cidade Nova, em áreas periféricas da Nova Marabá, próximas ao rio Tocantins, e principalmente em São Félix e Morada Nova, locais onde se encontram os conjuntos do MCMV. Na figura 20, é possível verificar a relação do núcleo integrador com as demais localidades da cidade, ressaltando os empreendimentos públicos e privados, a malha de assentamentos em situação de vulnerabilidade dado pelas Favelas e Comunidades do Censo Demográfico de 2022 e barreiras à expansão como a área de várzea (o varjão) e área militares restritas.

Figura 20 – Quarto Período Morfológico.



Fonte: Autoria própria.

Conclusão

A pesquisa evidencia que a morfologia urbana de Marabá resulta da interação entre políticas públicas, mercado imobiliário e dinâmicas econômicas primárias, como mineração e pecuária. A análise histórica combinada com a sintaxe espacial permitiu identificar como a configuração da malha viária e a acessibilidade urbana influenciam a segregação socioespacial, especialmente na distribuição de domicílios por classe socioeconômica. Observa-se que os conjuntos habitacionais públicos do PMCMV tendem a se localizar em áreas menos integradas, enquanto empreendimentos privados ocupam locais mais conectados, reforçando desigualdades estruturais na cidade.

Os resultados indicam que a expansão periférica e a produção seletiva de espaços valorizados consolidam novas centralidades e padrões de fragmentação urbana. A dinâmica urbana da cidade evidencia a articulação entre decisões de planejamento, pressões econômicas e padrões históricos de ocupação, gerando uma paisagem urbana por vezes contraditória, simultaneamente integrada e segregada. A análise reforça a necessidade de compreender a formação morfológica da cidade como processo histórico contínuo, no qual a configuração espacial atua como ferramenta para explicar as desigualdades e transformações recentes.

Referências

- ALMEIDA, José Jonas. **A cidade de Marabá sob o impacto dos projetos governamentais a partir de 1970**. 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-05022009-121639/>. Acesso em: 24 maio 2025.
- BECKER, Bertha K. **A Urbe amazônida: a floresta e a cidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2013. 85 p. ISBN 9788576172963 (broch.).
- CARDOSO, A. L. (Org). **O Programa Minha Casa Minha Vida e seus efeitos territoriais**. Rio de Janeiro: Letra Capital. 2013.
- COELHO, Maria Célia Nunes. A CVRD e o Processo de (Re)Estruturação e Mudança na Área de Carajás (Pará). In: Maria Célia Nunes Coelho; Raymundo Garcia Cota (org.). **Dez anos da estrada de ferro Carajás**. 1 ed. Belém: Ed. NAEA, 1997, p. 51-78.
- CORRÊA, Roberto Lobato. A periodização da rede urbana da Amazônia. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 49, n. 3, p. 39-68, 1987.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. In: CARLOS, A.F.A.; SOUZA, M.L.; SPOSITO, M.E.B. (Org.) **A produção do espaço urbano**. São Paulo: Contexto. 2011
- COUDREAU, Henry. **Voyage au Tocantins – Araguaya** : 31 décembre 1896 – 23 mai 1897. Paris: A. Lahure, 1897. Disponível em: <https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/publication/voyage-au-tocantins-araguaya-31-decembre-1896-23-mai-1897/>. Acesso em 13 de maio de 2025.
- COUDERAU, Henry. **Voyage a Itaboca et a L'Itacayuna**. Paris :A. Lahure, 1898. Disponível em: <https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/publication/voyage-a-itaboca-et-a-litacayuna/>. Acesso em: 13 de maio de 2025.
- DIAS, Catharina Vergolino. Marabá – Centro Comercial Da Castanha. **Revista Brasileira de Geografia**. p.46-58. 1958.
- DNIT – DEPARTAMENTO NACIONAL DE INFRAESTRUTURA E TRANSPORTE. **Rodoviário**. [S.l.]: DNIT, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/transportes/pt-br/assuntos/dados-de-transportes/bit/bit-mapas>. Acesso em: 3 de mar. 2024.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Malha de Setores Censitários**. [S.l.]: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/malhas-territoriais/26565-malhas-de-setores-censitarios-divisoes-intramunicipais.html>. Acesso em: 3 de maio. 2025.
- GAZETILHA DO INTERIOR. **Folha do Norte**, Belém, PA, 5 de setembro de 1896. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 02 de maio de 2025.
- LOBATO, Mateus Monteiro. Migração na fronteira: pelos caminhos do migrante até Marabá-PA. 2012. 139 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Belém, 2012. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido.
- MARABÁ. **Lei nº 17.846**, de 29 de março de 2018. Dispõe sobre a revisão do Plano Diretor Participativo do Município de Marabá, instituído pela Lei Municipal nº 17.213, de 9 de outubro de 2006, e dá outras providências. Câmara Municipal de Marabá, 2018.
- MATTOS, Maria Virgínia Bastos de. **História de Marabá**. Marabá: Grafil – Gráfica Itacaiúnas, 1996.
- MENDONÇA, Deodoro Machado. **Pelo Tocantins paraense: uma viagem a Marabá**. Belém: Oficinas Gráficas do Instituto Lauro Sodré, 1927. Disponível em: <https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/publication/pelo-tocantins-paraense-uma-viagem-a-maraba/>. Acesso em: 22 de junho de 2025.

- MONTE-MÓR, R. L. **Urbanização extensiva e lógicas de povoamento: um olhar ambiental.** In: SANTOS, Milton et. al. (org.) **Território, globalização e fragmentação.** São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994. p. 169-181.
- MOURA, Ignacio Baptista de. **De Belém a S. João do Araguaia:** Valle do Rio Tocantins. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1910. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4323>. Acesso em 5 de maio de 2025.
- OLIVEIRA, Américo Leonides Barbosa de. **O Vale Tocantins-Araguaia. Possibilidades Econômicas. Navegação Fluvial:** Relatório Apresentado ao Exmo. Sr. Ministro da Viação e Obras Públicas pelo Engenheiro Civil Américo Leonides Barbosa de Oliveira. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1941. Disponível em: <https://archive.org/details/ovaletocantinsar1941mini/mode/2up>. Acesso em: 5 de maio de 2025.
- OLIVEIRA, Kamila Diniz; CARDOSO, Ana Cláudia Duarte; LIMA, Alberto Patrick Cassiano; CASTRO, Luana. O modelo de cidade moderna: análise da forma dos planos da Nova Marabá/PA. **Paisagens Híbridas**, v. 3, n. 1, p. 64–91, 2023. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ph/article/view/57552>>. Acesso em: 22 jun. 2025.
- RAIOL, José Andrade (Org). **Perspectivas para o meio ambiente urbano:** GEO Marabá. Pará, Belém: [s.n.], 2010.
- SHIMBO, Lúcia Zanin. **Habitação social, habitação de mercado:** a confluência entre Estado, empresas construtoras e capital financeiro. 2010. Tese (Doutorado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2010.
- TOURINHO, Helena Lúcia Zagury. **Planejamento urbano em área de fronteira econômica:** o caso de Marabá. Dissertação de mestrado. Belém, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, 1991.
- TRINDADE JR, Saint-Clair Cordeiro da. **Vilas e cidades da Amazônia:** paisagens, memórias e pertencimentos. Belém: Paka-Tatu, 2021. 157 p. ISBN 9786586038309 (broch.).
- TRINDADE JR, Saint-Clair Cordeiro da. **Formas urbanas na Amazônia:** entre as cidades e as florestas. Belém: Paka-Tatu. 2016
- VELHO, Otávio Guilherme. **Frentes De Expansão E Estrutura Agrária: Estudo Do Processo De Penetração Numa Área Da Transamazônica.** [s.l.]: Centro Edelstein De Pesquisas Sociais, 2008.

ⁱ Trabalho desenvolvido com o apoio do Programa PIBIC/UFPA.

ⁱⁱ Graduando do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará. Bolsista PIBIC/CNPq. E-mail: gmrsebastiao@gmail.com

ⁱⁱⁱ Docente do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará. E-mail: jjlimaufpa@gmail.com

Parecer do Orientador

Belém, 24 de agosto de 2025.

José Júlio Ferreira Lima